

INFLUÊNCIAS DO FEMINISMO ESTADUNIDENSE NO BRASIL: RELATOS E LEITURAS

Maise Caroline Zucco

Nos Estados Unidos, assim como em outros lugares do mundo, a década de 60 foi um período em que o movimento feminista tomou novo impulso, juntamente com o crescimento de um grande número de manifestações sociais. Em meio a essa efervescência, figuras como Betty Friedan, liderança do Movimento de Libertação da Mulher, destacaram-se no movimento feminista, influenciando diversos países em que o feminismo esteve ressurgindo e dos quais podemos ressaltar o Brasil. Desta forma, mesmo em meio à ditadura militar, que censurou inúmeras leituras, a influência desta autora esteve presente no Brasil, principalmente a partir de seu livro A Mística Feminina (Friedan, 1971). Renomada autora do feminismo, Betty Friedan ficou muito popular no Brasil por suas obras e pela repercussão que teve com sua visita ao país, sendo sua figura muito criticada pelos periódicos da época, que desqualificavam o movimento feminista.

É neste sentido que este trabalho busca discutir as influências do movimento feminista estadunidense no Brasil, a partir de escritos de mulheres que, hoje, se identificam ou são consideradas feministas, e seus relatos de experiências com este movimento a partir da figura emblemática de Betty Friedan. Buscando as influências, podemos também observar a circulação, no Brasil, de leituras vindas do exterior, assim como o contato direto de mulheres brasileiras com grupos feministas formados nos Estados Unidos, tomando como fonte seus relatos.

De diferentes formas e em diferentes países, o feminismo manifestou-se nas décadas de 1960 e 1970 com uma proposta de melhores condições sociais para as mulheres, além de rompimento com determinados padrões que estiveram, por muito tempo, desigualando mulheres e homens. Neste sentido, o incentivo ao trabalho feminino, a descriminalização do aborto, entre outras, foram questões levantadas por esse movimento, no sentido de desvincularem as mulheres dos papéis costumeiros de esposa e mãe. Em

meio às tendências presentes na Europa e nos Estados Unidos, e que também estiveram penetrando em países da América Latina, brasileiras e brasileiros tiveram contato com experiências feministas no exterior, através da vivência do feminismo internacional durante o período de exílio e da realização de leituras vindas de diversos países para o Brasil.

No entanto, esse contato encontrou muitas barreiras. Em 1964, foi instaurado o regime militar no Brasil, que teve inúmeras implicações para a situação política brasileira, dentre elas a contenção de manifestações populares pelo governo então vigente. Geralmente reprimidas, o cerco para possíveis manifestações foi, cada vez mais, se afunilando, até 1968, com a instauração do AI-5. A partir desse momento, organizações de esquerda e seus integrantes passaram a viver na clandestinidade, e muitas mulheres e homens viram-se obrigados a sair do Brasil temendo a repressão e a tortura. Um grande clima de tensão estava sendo instaurado no país para toda a população, chegando a recair até mesmo em pessoas que não se opunham ao regime militar. Seria devido a essa instabilidade que brasileiras e brasileiros optariam por saírem de seu país de origem, pois ficar era muito inseguro. Desta forma, os Estados Unidos foi um dos refúgios encontrados pelas pessoas que optaram pelo exílio.

Enquanto o movimento feminista de países como Itália e França definiu seus eixos durante esse período em questões referentes à autonomia do corpo das mulheres, como o controle das funções reprodutoras e a descriminalização do aborto, o movimento estadunidense esteve lutando contra opressão das mulheres e contra o poder patriarcal na questão da sexualidade, buscando redefinir a esfera do público e do privado (In: Cruz, 1982; p.33-57). Nos Estados Unidos, com o Movimento de Libertação da Mulher (Women's Liberation Movement), as manifestações ganharam força, sendo uma de suas grandes lideranças Betty Friedan. Entre as publicações de Friedan, encontra-se A Mística Feminina, livro que teve grande repercussão para o movimento feminista. Nessa obra, a autora analisa o “problema sem nome”, um mal que ficou evidente, durante os anos sessenta, na vida das norte-americanas. Com o retorno dos soldados após o término da Segunda Guerra Mundial, as mulheres que haviam ocupado empregos nas fábricas para suprir a escassez de mão-de-

obra regressaram ao lar. O abandono de uma atividade com representatividade social para a dedicação exclusiva às atividades domésticas, ocasionou um sentimento de frustração coletivo dessas mulheres, ou seja, “o problema sem nome”. O sufocamento causado por essa vivência, denunciado por Betty Friedan, embalaria a segunda onda feminista nos Estados Unidos, em busca de outros papéis para as mulheres que não fossem os de esposa e mãe. Desta forma, mulheres mais autônomas, que procurassem sua realização não somente através do casamento, mas que buscassem um emprego, estariam afastando a insatisfação que a dedicação exclusiva ao lar acarretou.

De acordo com a autora:

“Quando mães realizadas as conduzirem à segurança de sua condição de mulher não será necessário esforçar-se por ser feminina. Poderão evoluir à vontade, até que por seus próprios esforços encontrem sua personalidade. Não precisarão da atenção de um rapaz ou de um homem para se sentirem vivas. E quando não mais precisarem viver através dos maridos e dos filhos, os homens não temerão o amor e a força da mulher, nem precisarão de suas fraquezas para provar a própria masculinidade. E finalmente homem e mulher verão um ao outro como de fato são, o que talvez venha a ser um passo adiante na evolução humana.” (Friedan, 1971; p.324)

É com esta problemática levantada pela obra de Betty Friedan, assim como inúmeras outras preocupações, que brasileiras e brasileiros se deparam ao optar pelo exílio nos Estados Unidos, e é a partir de relatos de mulheres que se identificaram com este movimento que poderemos traçar parte da influência sofrida pelo Brasil. Neste sentido o livro de Albertina de Oliveira Costa, Memórias das mulheres do exílio (Costa, 1980), mostra-nos algumas experiências com o movimento feminista estadunidense. Em entrevista realizada com Maria B. em dezembro de 1977, ela relata que se identificou com o feminismo ao se deparar com o movimento no exterior.

“E o movimento feminista foi o lugar em que encontrei uma posição teórica, um projeto de revolução, em que me sentia integrada, incluída. Até aí não tinha sentido isso.” (Costa, 1980; p.363)

Maria teve a oportunidade de ir para os Estados Unidos através de um estágio, após ter abandonado a faculdade. Nesse período, o movimento feminista no Brasil encontrava-se limitado pela ditadura militar. Sem grande espaço para atuação popular, o contato com o

movimento feminista de diversas mulheres, assim como o de Maria, aconteceria apenas no exterior. Sua narrativa destaca que, até então, os modelos possíveis dentro de seu círculo familiar, modelos estes destinados às mulheres, estavam restritos aos de esposa e mãe. É ao observar as mulheres estadunidenses com cerca de trinta anos, que possuíam seu próprio emprego, seu apartamento, ou seja, eram autônomas, que ela passa a perceber novas possibilidades.

Tomando como base esse relato, podemos perceber que Maria elenca fatos de sua vida que considera importante, a partir de uma perspectiva presente, reavaliando estes fatos conforme sua concepção atual. Assim, questões apresentadas pela entrevistada, como é o caso da importância atribuída à autonomia das mulheres, ou mesmo a limitação dos papéis de esposa e mãe, são problematizadas pela autora Betty Friedan, apontando para as leituras realizadas por Maria posteriormente ao fato narrado (In: Ferreira e Amado). Embora a entrevista destaque outras autoras, como é o caso de Juliet Mitchell, este posicionamento no sentido de valorizar a realização de outras atividades que não somente as dedicadas ao lar encontrado no discurso de A Mística Feminina, pode ser observado na fala de Maria:

“Uma das coisas que o feminismo me deu foi uma valorização das funções da mulher na sociedade. Por exemplo, acho que o homem tem que ficar mais consciente, mais participante, mais atuante na produção da vida, que é a produção da criança.” (Costa, 1980; p. 364)

Outra entrevista sobre o exílio nos Estados Unidos, que podemos destacar do livro de Albertina de Oliveira Costa, é a de Emilia Viotti da Costa, realizada em abril de 1979.

“A condição da mulher foi uma descoberta gradual para mim. O exílio mostrou-me que a condição da mulher é difícil em toda parte e os problemas que ela enfrenta são freqüentemente os mesmos, se bem que as soluções propostas difiram. Se aqui pela primeira vez enfrentei as dificuldades que essa condição criava para mim no setor profissional, a descoberta dos problemas que a mulher profissional enfrenta na família ocorreu muito antes: veio com o casamento.” (Costa, 1980; p.400)

Nesta citação, é possível ressaltar que sua percepção diante da condição de inferioridade que as mulheres encontrava-se perante os homens na sociedade em geral, passaria a se tornar nítida apenas com a experiência do exílio.

Além de sua experiência de identificação com o feminismo, podemos observar também, no relato de Emília Viotti da Costa, o contato com a obra A Mística Feminina, destacando o que teria ocorrido após a denúncia do “problema sem nome”: as mulheres buscaram seu espaço no mercado de trabalho, obtendo determinados ganhos, mas continuando a ser a responsável pela manutenção do lar.

“A situação da mulher de classe média aqui é freqüentemente dramática. As mulheres trabalham dois períodos. Isto significa que a maioria das crianças fica por conta própria várias horas por dia. Na tentativa de resolver o problema, alguns homens começaram a preencher funções que as mulheres deixaram de preencher. Nesse processo alguma coisa se ganhou.” (Costa, 1980; p.406)

Além das experiências individuais, também podemos encontrar redes de pessoas que se identificaram com o feminismo, formadas através de laços de afinidade. Nos Estados Unidos, foi constituído o grupo de Berkeley, fundado pela brasileira Branca Moreira Alves. Este grupo durou menos de um ano; no entanto, teve importante papel na formação de várias feministas brasileiras durante o período em que estiveram no exterior. Uma característica desses grupos de mulheres no exterior foi o aspecto de grupos de reflexão ou vivências. Esses realizavam reuniões, a fim de que as mulheres relatassem as diversas fases de suas vidas. Danda Prado, ex-militante comunista que vivia em Paris, fundou no ano de 1972 o Grupo Latino-Americano de Mulheres. A partir desse grupo, ocorriam reuniões informais em um bar, no intuito de discutir problemáticas referentes à situação das mulheres com integrantes de vários países da América Latina. O grupo de Berkeley foi formado no mesmo período do Grupo Latino - Americano de Mulheres em Paris, mas, segundo Branca Moreira Alves, não foi a partir do contato com o grupo francês que esta se engajaria no movimento feminista. Em determinada troca de correspondência que realizava freqüentemente com Danda Prado, Branca Moreira Alves foi questionada sobre o feminismo e, a partir disso, passaria a se identificar com o movimento (Pinto, 2003; p.53).

Em entrevista concedida por Sandra Maria da Mata Azeredo, ela destaca também um momento específico em que passou a se identificar com o movimento feminista. Sua experiência estaria ligada com a ida para os Estados Unidos, acompanhando seu então

marido que iria fazer doutorado. No aeroporto, foi recepcionada por Marisa Corrêa, através de quem passaria a ter contato com o movimento feminista.

“E ela foi me esperar, uma forma maravilhosa, acho que ela já tava lá, sabia como era né. A gente estava nessa posição de esposa, e ela foi muito solidária levou uma bonequinha de pano que ela tinha feito e logo me apresentou, porque ela já era uma feminista, não sei se ela se tornou feminista lá, e também da mesma forma me apresentou ao movimento: assim olha tem essas coisas que estão acontecendo no campus. Eu me lembro muito que ela estava lendo Doris Lessin, que é sem dúvida uma pessoa feminista, no sentido de que tem uma ideologia, é... feminista, então foi em 1971 bem claro. Aquilo tudo que eu já sentia antes, né, aquela coisa, é...aquela...claro que eu tinha uma posição crítica com as relações entre homens e mulheres, meu pai e minha mãe, meu pai saía pra trabalhar mamãe ficava cuidando...blablabla. Isso tudo era crítico.”

Foi neste momento, segundo a entrevistada, que ela passaria a identificar-se e a compreender melhor o feminismo. Sandra Azeredo relata que já percebia com olhar crítico as desigualdades existentes entre a relação de sua mãe e seu pai, mas é a partir da experiência nos Estados Unidos que passa a compreender de forma mais clara.

“Eu era muito crítica disso, mas não tinha um nome? Ele teve um nome, feminismo, realmente dentro do movimento feminista nos Estados Unidos.”

Com base nas entrevistas analisadas, obtivemos um recorte das experiências de mulheres que se identificaram com o feminismo a partir do movimento estadunidense. Embora estas entrevistas sejam escolhidas de forma aleatória, elas são importantes, no sentido de dar visibilidade aos grupos que estiveram sendo formados no exterior. Seja pela necessidade do exílio frente à realidade brasileira, seja através de relações pessoais, a identificação com o movimento nos Estados Unidos representou parte da bagagem feminista adquirida por estas mulheres brasileiras. Contudo, devemos também perceber as influências que mulheres e homens estavam recebendo do feminismo estadunidense enquanto estavam no Brasil, percebendo, desta forma, as brechas encontradas mesmo em meio à ditadura.

Sabemos que com o AI-5, institucionalizado em 1968, muitas mulheres e homens acabaram tornando-se exilados em diversos países. Entretanto, muitas pessoas continuaram no Brasil convivendo com as arbitrariedades da ditadura e, dentre elas, uma

perseguição rígida ao comunismo. A própria representação que circulava na época associava o comunismo a fatores patológicos como pragas e vírus, com forte carga pejorativa. Neste sentido, a Revolução Cultural, ocorrida no fim dos anos 60 e caracterizada pela negação das relações de poder, pela concessão do direito ao aborto, pela legalização do divórcio e da educação sexual, contribuiu para que o regime ditatorial associasse o movimento feminista ao comunismo. Ambos atraíam a juventude para o mal representando, segundo o governo brasileiro, uma ameaça à ordem, à moral e à família. (Motta, 2002)

É nesse contexto, mesmo em meio a diversas dificuldades, que obras do feminismo internacional entraram no Brasil. Livros como A Mística Feminina e O Segundo Sexo (Beauvoir, s/d), da francesa Simone de Beauvoir, conseguiram romper as barreiras da censura e entrar no círculo de leituras de mulheres brasileiras que são consideradas feministas. Assim, nos direcionaremos para as leituras feitas, e a divulgação que estas obras estadunidenses tiveram no Brasil.

Em entrevista realizada com Carlos Eduardo Andrade Pinheiro, é possível perceber o contato e a aceitabilidade do feminismo no Brasil.

“Vamos dizer assim claramente que são pessoas consideradas minhas aliadas, porque existia isso e eu defendia. A Betty Friedan, aquela coisa que ela tinha nos Estados Unidos, aquele movimento todo, existia um grupo majoritário dos homens que eram contra isso, e eu sempre defendi! Então eu me considero feminista, eu posso me considerar feminista nesse sentido. Eu sempre defendi esse movimento, além de fazer parte concretamente de um grupo que era vanguarda em termos de mudança dos hábitos (...)”

O feminismo no Brasil não teve uma grande aceitação, nem do regime militar nem da esquerda. Muitas mulheres e homens tinham uma idéia deturpada sobre o feminismo, e acreditavam que era um movimento separatista, diante da luta política pela conquista da democracia. Esta questão fica evidente com a visita de Betty Friedan ao Brasil em abril de 1971, na intenção de divulgar A Mística Feminina. A autora estadunidense sofreu inúmeras críticas de periódicos como O Pasquim e da Coluna de Millôr Fernandes na revista Veja. Neste último periódico mencionado, ao tratar da inteligência de determinadas personalidade

como Santos Dumont e Galileu Galilei, Millôr Fernandes fez uma colocação que aponta para o desprestígio do movimento feminista:

“Betty Friedan – Muito aplicada; tem porém, a estranha mania de querer ser o homem mais importante do país”(Fernandes, 1975)

Nas entrevistas realizadas por Albertina da Oliveira Costa, também podemos observar a visão deturpada que era feita a respeito do feminismo no Brasil.

“O que a gente sabia do movimento feminista dessa época era que as mulheres americanas eram lésbicas, feias, complexadas, ou então que o movimento francês era uma coisa de pequeno-burguesas que não tinham o que fazer e que nada disso se aplicava à realidade de um Brasil e uma América Latina subdesenvolvidos.” (Costa, 1980; p.416)

No entanto, mesmo em meio à desvalorização do movimento feminista, diversas mulheres e homens no Brasil estavam atentos às discussões em torno do feminismo, que ressurgia em uma segunda onda. Entre essas pessoas, podemos destacar Carmem da Silva, pioneira/mãe do feminismo no Brasil, segundo Marta Suplicy. Colunista da Revista Claudia desde 1963, esteve engajada em transmitir às suas leitoras o papel que cabia às mulheres na transformação da sociedade, incentivando a realização de atividades que ultrapassassem o papel de dona de casa, ou seja, proposta encontrada na obra A Mística Feminina.

“Não é necessário muita perspicácia para perceber sintomas de insatisfação das mulheres de hoje. Casadas e solteiras, ociosas e trabalhadoras, estudantes e profissionais, artistas e donas-de-casa, todas elas em algum momento deixam transparecer resquícios de frustração, um desejo ora nostálgico, ora invejoso, de outra existência diferente, outro caminho distinto ao que escolheram (...) E enquanto o olhar se dirige, ávido e melancólico, para lá, aumenta o consumo de tranqüilizantes que não tranqüilizam.” (Silva, 1994; p.73)

Partindo desta citação, é possível observar seu contato com a obra de Betty Friedan, além da apropriação da problemática proposta pela autora estadunidense. Ao observarmos as apropriações, por exemplo, de obras como A Mística Feminina, devemos considerar que as leituras são construções de sentidos que não estão imunes ao tempo, ao local e a inúmeras outras variáveis a que o leitor é submetido, possuindo múltiplas interpretações (Chartier,1991). Desta forma, segundo a leitura realizada por Carmen da Silva, Betty Fridan

tem como preocupação a insatisfação feminina que não seria causada apenas pela dedicação excessiva às atividades domésticas, mas a “incompletude enquanto ser”, não tendo outro projeto ou perspectiva para sua vida senão a satisfação do desejo do homem.

Outra personalidade identificada com o movimento feminista e que se utiliza da obra de Betty Friedan é Marta Suplicy. Da mesma forma como Carmen da Silva, Marta Suplicy reserva às mulheres o direito de optarem pelas atividades que desejam realizar. Segundo a autora brasileira, as mulheres não seriam propriamente responsáveis por suas escolhas, não possuiriam autonomia e teriam medo de sua própria emancipação. Muitas vezes, assim como afirma Friedan, as mulheres negam suas potencialidades, potencialidades estas que devem ser desenvolvidas.

“MEDO. MEDO. MEDO. Palavra chave a ser quebrada para a liberação da mulher. Quebrar os grilhões internos. Sem isso somos todas amarradas, com creche e com salário igual... É dentro de cada uma de nós que se trava a luta principal. Coragem para agüentar as conseqüências de ser o que se quer ser, o que sua natureza e discernimento exige. E agüentar a pauleira que vem em cima. Se a gente agüenta , acaba dobrando o sistema.”(Suplicy, 1985; p.269)

O destaque para as apropriações de obras feministas realizadas tanto por Carmen da Silva como por Marta Suplicy deve ser ressaltada pela importância que ambas tiveram no cenário do feminismo nacional. As duas autoras tiveram seus artigos publicados semanalmente em periódicos de circulação nacional, sinalizando para leituras realizadas por mulheres e homens brasileiros. Enquanto Carmen da Silva esteve escrevendo nas décadas de 60,70 e 80 na Revista Claudia, na coluna A Arte de Ser Mulher, Marta Suplicy escreveu, durante a década de 80 na Folha de São Paulo, além de participar de um quadro na televisão brasileira, intitulado “Comportamento Sexual”. É desta forma que podemos perceber a circularidade das idéias feministas, como as encontradas em A Mística Feminina.

Não somente a autora Betty Friedan, mas inúmeras outras autoras e obras fizeram parte das influências recebidas pelo movimento feminista brasileiro, e fazem parte da formação de mulheres e homens identificados com este movimento. Contudo, este trabalho se propôs a analisar, especificamente, Betty Friedan e A Mística Feminina pela repercussão que teve, além da própria questão da tradução. Muitas obras feministas demoraram alguns

anos até que fossem traduzidas para o português, enquanto o livro da autora estadunidense, lançado em 1963, teve sua versão brasileira lançada em 1971.

Entretanto, não podemos deixar de reconhecer a importância de Betty Friedan na retomada do movimento feminista em sua segunda onda, trazendo à tona questões que permeavam a desigualdade existente entre mulheres e homens. Influência de um grande número de pessoas que passaram a se identificar com o feminismo, a obra de Betty Friedan foi apropriada por muitas autoras brasileiras, além das já mencionadas, apontando que o “problema sem nome” não foi um fato ocorrido exclusivamente com as mulheres estadunidenses. Desta forma, passamos a compreender, mesmo que de forma restrita, a circulação de obras feministas em meio ao regime ditatorial que vigorava no Brasil, destacando que o contato com o feminismo estadunidense não esteve limitado às pessoas que estiveram exiladas.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s/d].

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. Estudos Avançados 11(5), 1991.

COSTA, Albertina de Oliveira. Memórias das mulheres do exílio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CRUZ, Anette Goldberg V. Os movimentos de liberação da mulher na França e na Itália (1970- 1980): Primeiros elementos para um estudo comparativo do novo feminismo na Europa e no Brasil. In: O Lugar da Mulher. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p.33-57.

FRIEDAN, Betty. A Mística Feminina. Petrópolis:Vozes, 1971.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o Perigo Vermelho; o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

PINTO, Céli. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ROUSSO Henry. A memória não é mais o que era In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. Usos & Abusos da História Oral. Fundação Getúlio Vargas.

SILVA, Carmen da. O melhor de Carmen da Silva. Org. Laura Tavares Civita. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

SUPLICY, Marta. De Mariazinha a Maria. Petrópolis: Vozes, 1985.

Fontes

ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

Entrevista concedida por Sandra Maria da Mata Azeredo à professora Joana Maria Pedro, no dia 27 de novembro de 2003.

Em concedida por Carlos Eduardo Andrade Pinheiro à professora Joana Maria Pedro, no dia 03 de agosto de 2004.

FERNANDES, Millôr. 06 de agosto 1975. Análise da personalidade de estudantes célebres. *Revista Veja*. Editora Abril.